

Manoel Bomfim: a título de apresentação

*Maria Neide Sobral
Marizete Lucini
Fátima Bezerra Negromonte*

Lembrar, preservar, (re)memorar e (re)visitar a vida e obra do intelectual sergipano Manoel Bomfim (1868-1932), implica evidenciar ações singulares e assertivas sobre o acontecido-vivido desse homem que se fez grande na história, embora, nem sempre de forma contínua, tenha obtido o merecido reconhecimento. O intelectual sergipano fez diferença na constituição de um pensamento genuinamente brasileiro, contrapondo-se ao “racismo científico”, com uma análise ancorada em uma perspectiva realista e crítica sobre a realidade latino-americana, entre o final do século XIX e o século XX.

Como todo intelectual do referido período, há, em sua obra, um sentido missionário transformador das condições de atraso do país, destacando-se os “males de origem”¹ de nossa formação e a imperiosa necessidade de se construir uma nação em que a educação fosse, de fato, o eixo principal desse projeto. Manoel Bomfim e sua obra têm gestado possibilidades singulares para se pensar o Brasil de ontem e de hoje, e isso demonstra a proficuidade de suas ideias e, em muitos aspectos, sua atualidade. Tem merecido que o mundo acadêmico retire-o do esquecimento – se é que tenha sido esquecido – para estabelecer debates, embates e produção de novos vieses investigativos no campo das ciências humanas.

O Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), reconhecendo a importância desse intelectual, solicitou e obteve a aprovação da organização e publicação de um dossiê que (re)memorasse a vida e a obra desse autor sergipano na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS). Coube, então, à chamada “Casa de Sergipe”², baluarte da preservação da memória histórica e geográfica do estado, promover a realização que, embora tenha feito seu “voo de arribação” para outros estados brasileiros, singulariza e personaliza o campo da intelectualidade local (e nacional) pelo muito que promoveu através de seus discursos e das ações realizadas em diferentes instituições.

Os artigos que compõem este dossiê trazem, ainda que de forma pálida e por vezes pontual, elementos de seu pensar e de seu fazer, demonstrando a riqueza de seu pen-

1 Cf.: BOMFIM, M. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

2 Sobre o IHGS, consulte DANTAS, I. *História da Casa de Sergipe, 1912/2012*. São Cristóvão: EDUFS, 2012.



samento. Embora haja sempre o discurso sobre seu esquecimento³, seu apagamento e sua subsunção, há de se pensar que a História também se faz neste lastro, como nos lembra Michel Pollak⁴: “o longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento”, torna-se resistência e fortalecimento de determinadas memórias que, incorporadas pela história, reconstróem o vivido-acontecido, de forma problemática e incompleta, com base naquilo que chamamos de passado. As contingências locais e interesses diferenciados fazem com que, em determinados tempos e espaços, alguns sejam os escolhidos como “iluminados”, aos quais se dá visibilidade e divulgação e outros sejam “esquecidos” em arquivos e lugares de memória, como assinala Pierre Nora.⁵

Esta interface memorialística de Manoel Bomfim foi arquitetada na escrita de Fátima Bezerra Negromonte e Maria Neide Sobral: **Uma breve arqueologia de Manoel Bomfim**. Na égide de um de seus conceitos básicos – arqueologia de Michel Foucault⁶ –, as autoras evidenciaram os lugares institucionais que ocupou e os solavancos que sofreu ao longo do último século. Ao refletir sobre quem era e é o autor Manoel Bomfim, as proposituras de Michel Foucault⁷ instiga-nos a pensar sobre a constituição de sua obra e do quanto foi capaz de construir uma certa discursividade que se preservou ao longo do tempo histórico e é (re)visitado com maior e ou menor intensidade, dando margens a discussões acirradas e polêmicas (re)atualizadas, entre críticos e comentadores.

A historiografia de Manoel Bomfim foi objeto do texto de Luiz Carlos Bento intitulado **Manoel Bomfim: crítica historiográfica e orientação política em O Brasil na História**. O autor analisou os usos políticos da História, debulhando as páginas do livro *O Brasil na História*, de Bomfim, demonstrando as críticas que este fez a diferentes correntes historiográficas – da francesa à norte-americana –, e a compreensão que Bomfim tinha de que a história fosse comprometida com o “agir humano” e com as “qualidades” e “com a voz do povo brasileiro”. Evidenciou Bento que Manoel Bomfim construiu seu discurso historiográfico de natureza ensaística, pautado no entendimento de que a História tivesse um papel formativo e interventivo na realidade, na construção de um projeto de nação.

3 Especialmente em AGUIAR, R. *O rebelde esquecido*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

4 POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, V01. 2. n. 1, p. 1-15, 1989, Disponível em: <file:///C:/Users/Neide/Desktop/DOSSI%3%8A%20MANOEL%20BOMFIM/2278-3757-1-PB.pdf>. Acesso em 23 mar. 2019.

5 NORA, P. Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares. In: *Pesquisa Histórica*, São Paulo, 10 ed., p. 7-28, 1993. Disponível em: <file:///C:/Users/Neide/Desktop/DOSSI%3%8A%20MANOEL%20BOMFIM/12101-29004-1-SM%20(1).PDF>. Acesso em: 22 abr. 2019.

6 FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Coimbra, Portugal: Edições Almedina, 2005.

7 FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Tradução: António Fernando Cascai. 9 ed. Lisboa, Portugal: Passagens, 2015.



É essa possibilidade interventiva que fez Bomfim elaborar o livro escolar *Através do Brasil* (1910), em parceria com o poeta Olavo Bilac, propondo-se, assim, a consubstanciar o projeto de nação com a difusão, circulação e adoção do referido livro nas escolas nacionais.

O artigo de Claudefranklin Monteiro Santos, sob a égide titular de **Manoel Bomfim e os livros escolares: um projeto de nação Através do Brasil**, notabiliza a preocupação sempre presente nos escritos do intelectual sergipano sobre as condições de atraso da educação brasileira, as diferenças sociais e a premente necessidade de buscar alternativas para que o país se tornasse efetivamente uma nação, tendo como eixo principal a educação.

O autor Ivan Paulo Silveira Santos trouxe no texto “**Parasitismo e degeneração**” na **América Latina: os conceitos biologizantes de Manoel Bomfim**, um arcabouço teórico do pensamento deste intelectual, o qual considerava que as razões do atraso da região tinham como fonte o próprio processo de colonização europeia⁸, determinando, assim, os males de origem dos problemas nacionais. Ao chegar a este cerne da questão, Bomfim se singulariza em relação à grande parte dos seus contemporâneos, especialmente por apontar soluções para se construir uma identidade verdadeiramente latino-americana.

Raça foi, sobretudo, uma das principais temáticas abordadas por Bomfim para se compreender, no finalizar do século XIX e início do século XX, o contexto cultural fortemente marcado pelo “racismo científico”, ao qual se contrapõe. Essa direção do pensamento de Bomfim contribuiu, efetivamente, para o desmonte desse modelo analítico no país. Em **Brasil mestiço: o cruzamento entre as “raças” na perspectiva de Manoel Bomfim**, Ruth Cavalcante desvela o quanto seu enfrentamento na questão da raça, possibilitou avançar a historiografia brasileira e, especialmente, para a constituição de uma identidade nacional.

Sobre a perspectiva da hereditariedade de Manoel Bomfim, Stéfany Sidô Ventura opera e articula teorias discutidas por Manoel Bomfim, como condição necessária à compreensão da nação. Este conceito, tratado na perspectiva social, traz características próprias, as quais podem ser modificadas pelo processo educacional, como assinala Ventura, para quem, no entendimento do pensamento de Bomfim, a educação seria essencial para formar o povo brasileiro, permitindo-lhe evoluir e progredir socialmente. O paradoxo apontado por Ventura, a respeito deste conceito de Bomfim,

8 Uma perspectiva intrigante de entender o processo colonizador, especialmente o travado pelos ibéricos é o texto de GRUZINSCK, S. *A Águia e o Dragão: portugueses e espanhóis na globalização do século XVI*. Tradução: Pedro Elói Duarte; Revisão: Pedro Bernardo. Lisboa-PT: Edições 70, 2015. Embora não trate da colonização brasileira, desvela o (des)encontro destes povos com culturas tão diferentes como a chinesa (pelos portugueses) e a mexicana (pelos espanhóis). O impacto deste processo é minuciosamente analisado pelo autor.

revela-se na tênue relação entre permanência e continuidade (hereditário), movimento e mudança (educação), portanto, entre atraso e progresso.

No campo da pedagogia e da psicologia, há o texto de Wojciech Andrzej Kulesza, **Pedagogia e Psicologia no pensamento de Manoel Bomfim**, que visibiliza uma aproximação, de natureza didática, entre os livros *Lições de Pedagogia* (1915) e *Noções de Psicologia* (1916), dois estudos de Bomfim, os quais evidenciam a importância que este teve na “produção discursiva sobre a Psicologia no Brasil”. Esse tema, tão caro na atualidade, constituiu também objeto de estudo de Negromonte (2019).⁹

Por fim, a autora Monaquelly Carmo de Jesus trouxe o **Manoel Bomfim e o esquecimento: Memória de Manoel Bomfim na Escola Municipal**, encerrando este dossiê, com um trabalho de natureza memorialista, a respeito deste intelectual em um “lugar de memória”, como nos indica Pierre Nora¹⁰. Nada como a nomeação de uma unidade escolar, com o nome de alguém que foi importante no cenário cultural, político e econômico do estado e do país. O artigo de Jesus indica o quanto da memória coletiva, entendida essa em Halbwachs,¹¹ tem sido capaz de focalizar na imagem e na história do personagem, elementos que o caracterizam e precisam ser rememorados para preservar-se como monumento na história. Ao tecer uma análise sobre isso, o lembrar e o esquecer de gerações presentes e futuras sobre o passado de homens e acontecidos, são sempre processos seletivos. Isto foi demonstrado pela autora ao escutar os alunos da escola que levam o nome de Manoel Bomfim.

Assim, esperamos que os leitores da Revista do IHGS possam debulhar os artigos e acompanhar suas (re)memorações a respeito de Manoel Bomfim, produzindo novos sentidos sobre sua obra. A memória vivifica o personagem, a história pode dar continuidade a essa vida, embora sempre de forma incompleta e inconclusa, porém problematizadora e emblemática deste homem multifacetado que trouxe, de fato, uma contribuição relevante para o pensamento e a investigação em diferentes campos do conhecimento humano.

Cabe-nos convidá-los para esta leitura!

Organizadoras:

Maria Neide Sobral

Marizete Lucini

Fátima Bezerra Negromonte

9 Cf.:NEGROMONTE, F. B. *Manoel Bonfim e a Educação: interfaces discursivas entre a pedagogia e a psicologia*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, 2019.

10 Op.cit.

11 HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. Tradução: Laurence Leon Shaffer. SP: Vertice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

